

Giuliana Ragusa, *Lira, Mito e Erotismo. Afrodite na Poesia Mélica Grega Arcaica*. Campinas SP, Ed. Unicamp, 2010, 661 pp. (ISBN 978-85-268-0917-8)

MARIA FERNANDA BRASETE⁶

Centro de Línguas e Culturas, Universidade de Aveiro

Esta obra dá seguimento a um ambicioso projeto de investigação iniciado e desenvolvido por Giuliana Ragusa, desde meados da década passada, no âmbito do Programa de Pós-graduação em Letras Clássicas, Departamento de Letras Clássicas e vernáculas, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP.

Depois da publicação de *Fragmentos de uma deusa: a representação de Afrodite na lírica de Safo* (2005) a especialista brasileira que, ao longo destes anos, se tem dedicado a um estudo contínuo e rigoroso da representação de Afrodite na antiga poesia de Lesbos, dá provas, no volume em epígrafe, de um trabalho de investigação escrupuloso, bem articulado e profusamente documentado no âmbito do estudo de outros poetas da lírica arcaica grega, além de Safo. O objetivo principal desta obra, que a própria A. apresenta, na secção preliminar de "Agradecimentos", como uma «versão revisada, com acréscimos e atualizações da tese de doutoramento», defendida no ano de 2008, é retomar o percurso de investigação que tem desenvolvido em torno da representação da figura de Afrodite na «*mélica* arcaica grega», alargando o *corpus* textual a «cinco poetas mélicos e dezassete fragmentos»: Álcman (1,58,59^a Dav.; Alceu: 411, 296(b) e 380 Voigt; Estesícoro: S 104 e S 105 ; 223 Dav.; Íbico: S 151, S 257(a) (fr.1, col.i), 286, 287, 288 Dav.; e Anacreonte: 346 (fr. 1), 346 (fr.4) e 357 P (p. 17-18). Na secção introdutória, que aparece sob a designação de "Abertura", retomando, tão a propósito, um termo da linguagem musical, a A. examina sucintamente a complexidade e a pertinência do seu estudo, justificando a metodologia adotada e esclarecendo os critérios

⁶ mbrasete@ua.pt

seguidos nas transliterações do grego para português, bem como nas traduções apresentadas (p.19 e n. 5).

O excelente e profuso estudo que a investigadora brasileira apresenta agora nesta publicação, divide-se em duas partes principais, que, em sintonia com o contexto primordial da lírica/mélica grega arcaica, são sugestivamente designadas por «Primeiro Movimento — Duas delicadas composições» e «Segundo Movimento — Cinco temas para Afrodite», rematadas por um «Ensaio de Conclusão», a que se seguem ainda uma extensa e atualizada lista (52 páginas) de «Bibliografia Consultada», organizada alfabeticamente, e dois «Apêndices» (1. «Texto grego e tradução dos 17 fragmentos do *corpus*»; 2. «Texto grego e tradução de outros fragmentos mélicos dos poetas do *corpus*»). Além de bem concebida e estruturada, esta obra corresponde cabalmente às expectativas criadas pelos objetivos enunciados no início, dando provas de que assenta num trabalho sério e muito rigoroso de pesquisa original, que equaciona novas perspectivas de análise da obra lacunar dos cinco poetas mélicos em apreço.

No «Primeiro Movimento — Duas delicadas composições» os enunciados dos dois capítulos que o compõem (1. «Enredos de um objeto: em torno da mélica grega arcaica»; 2. «Cinco poetas e seus enredos: problemas de classificação e de abordagem») prenunciam, de imediato, toda a problemática subjacente à terminologia antiga e remanescente na teorização moderna, relativamente a classificação dos géneros “líricos” gregos, ou seja, os que não se incluíam na poesia hexamétrica e na poesia dramática da época arcaica. Trazendo à colação os argumentos aduzidos por uma plêiade de autores consagrados no debate das questões genológicas associadas a “lírica” arcaica grega (nomeadamente R. Pfeiffer, M. Lefkowitz, B. Gentili, E.L. Bowie, D. E. Gerber, F. Budelmann, entre muitos outros) a A., para evitar a ambiguidade e os equívocos gerados em torno do vocábulo “lírica”, que só se tornou corrente na era helenística, explicita a sua opção terminológico-semântica de utilizar, em substituição, o termo “mélica”,

atendendo ao seu sentido antigo «que mantém a distinção entre esse género e a elegia e o jambo, o epigrama» (p. 30), e também ao facto de que era esse «o termo em voga entre os gregos da época clássica» (p.32). Além de uma análise circunstanciada do léxico grego antigo que, no decurso dos tempos, foi sendo utilizado para designar as composições poéticas produzidas, executadas e divulgadas numa cultura oral-aural, muito distante e distinta da moderna conceptualização de literatura, constituem também objeto de discussão outros tópicos relacionados com o peculiar contexto *performativo* da mélica arcaica, como por exemplo: a polémica divisão entre poesia monódia e coral, inspirada no célebre passo das *Leis* (764 d-e) de Platão; as ocasiões, públicas ou privadas, religiosas ou mais secularizadas, em que esses géneros de cantos poéticos eram executados (simpósios, festivais cívico-religiosos, competições, funerais, bodas); a complexidade de interpretações relacionadas com a inserção da 1.^a pessoa do singular (*ego* lírico), e, em especial, quando se assumia como uma voz feminina; e, evidentemente, o conhecimento lacunar de um *corpus* não só fragmentário, mas também precário, tendo em consideração as descobertas papirológicas mais recentes (e.g.: fragmentos de Estesícoro, de Íbico ou mesmo de Safo). As dificuldades de categorização das obras de Álcman, Estesícoro e Íbico e a problemática utilização da 1.^a pessoa do singular nas canções de Alceu e de Anacreonte permitiram à A. uma breve revisitação crítica e atualizada da obra destes poetas e do contexto em que foram produzidas.

O «Segundo Movimento — Cinco temas para Afrodite», que constitui a segunda parte desta obra, desenvolve-se ao longo de cinco capítulos: 3 — «Afrodite em Esparta: mito, crime e castigo no “Partênio” (Fr. 1 Dav.), de Álcman»; 4 — «Afrodite em Troia: o ciclo mítico revisitado em Estesícoro e Íbico», (Estesícoro, Frs. S 104 e S 105 (Saque de Troia), 223 Dav.; Íbico, Fr. S 151 Dav.); 5 — «Uma deusa nutriz: Afrodite e belos meninos, em duas canções de Íbico», (Fr. 288 Dav.; Fra. S 257(a) (fr.1, col. I) Dav); 6 — «Paisagens de Afrodite: três poetas, quatro quadros (Alceu, Frs. 41 e 296 (b)

Voigt; Íbico, Fr. 286 Dav.; Anacreonte, Fr. 346 (fr. 1); 7— «Afrodite, Eros e suas vítimas: quatro poetas, seis tramas (Alcmán, Frs. 58 e 59 (a9 dav.; Alceu, Fr. 380 Voigt; Íbico, Fr. 287 Dav.; Anacreonte, Frs. 346 8fr.4) e 357 P.

Procedendo a uma exegese esclarecedora e rigorosa do célebre fr. 1 de Álcman, vulgarmente conhecido como *Partheneion* do Louvre, onde a atribuição da autoria, questões de ecdótica, estudos métricos, discussões sobre a sua *performance* original são objeto de comentário crítico modelarmente articulado com a minudente análise temático-estilística da intrincada estrutura deste fragmento lacunar, enriquecida ainda pelo cotejo estabelecido com textos de outras épocas da literatura grega. Em causa está a interpretação da imagem de Afrodite nessa canção, provavelmente coral, ao nível do contexto mítico em que se insere e no que concerne à reflexão moral que se pretende veicular. No capítulo seguinte, cujo cenário é Tróia, as alusões à deusa da sexualidade são perscrutadas, com grande acuidade e rigor em três fragmentos muito lacunares de Estesícoro (que pertenceriam, possivelmente, a poemas extensos, destinados à execução coral ou citaródica) e na célebre “Ode a Polícrates”, de Íbico. De salientar, o amplo enquadramento filológico-temático, completado por elucidativas leituras intertextuais, que a A. fornece dos textos em apreço, que, na sua opinião, parecem associar, em tons diferentes a deusa «Ciprogênia» ao rapto de Helena. Através de uma linguagem mais *epicizante*, em Estesícoro e numa modulação encomiástica de matiz erótica, em Íbico, as imagens de Afrodite e de Helena convergem para representar a força destrutiva da beleza feminina superlativa, tradicionalmente considerada a *causa belli* que levou à destruição de Troia. Do encómio da beleza se nutre o Capítulo 5, dedicado à análise de dois fragmentos de Íbico, considerados exemplos de *paidikia*, cantos encomiásticos de um adulto à beleza sedutora de um menino (*pais kalos*). Tanto o encómio de Euríalo, fr. S 225 (a) (fr.1, col.i), como o fr. 228 Dav. versam o amor pederástico, considerado também uma prerrogativa de Afrodite, isto é, uma forma

de *aphrodisia* (p.355), apesar de ensombrado por ressonâncias sáficas (especialmente do fr. 130 Voigt, que define Eros como *glykypikros*, 'doce-amargo') na descrição da experiência da paixão (emanada do olhar da *persona* poética) que brotava dos olhos sedutores e da imagem bem nutrida (num sentido metafórico) do menino amoroso. De notar que Íbico acrescenta um novo sintoma às *patologias* da paixão erótica — a insónia (p. 376) —, e que irá ser retomado por autores posteriores. No que se refere à ocasião da *performance* destes fragmentos, se bem que não se possa rejeitar liminarmente a execução coral, o simpósio palaciano seria, na opinião da A., o espaço mais apropriado. No capítulo 6, dedicado às «Paisagens de Afrodite», os fragmentos selecionados de Alceu, Íbico e Anacreonte demonstram como a imagem de Afrodite transpõe o domínio da metáfora para se converter em *moldura* de canções de carácter ritual e festivo, que, no caso dos fragmentos de Alceu, poderiam conciliar uma estrutura hínica (provavelmente simposiástica) a uma temática erotizada, colorida e perfumada por elementos da natureza. No fr. 286 Dav., de Íbico, a apóstrofe de Afrodite evoca as suas prerrogativas (beleza, sedução, sexualidade) num cenário homoerótico, típico de um *paidikion*, talvez de carácter ritual, com jovens perfumados de ambrosia e coroados de grinaldas. Também um canto encomiástico de um adulto a um *pais kalos* é o fr. 286 Dav., de Íbico, cujos versos conservados constituiriam o preâmbulo. O contexto do fragmento preservado é inequivocamente erótico e a experiência amorosa, indiferente às variações sazonais, é descrita num cenário em que «a natureza se expande fértil e fecunda, plena de perfumes, cores e sabores...» (p. 396). Da análise circunstanciada e bem documentada do complexo fr. 346 (fr.1) de Anacreonte ("Ode a Herotima"), conclui-se que a imagética configura uma natureza sacropoética, matizada e odorífera, intensamente sensual, cujos espaços, pulsantes de vida, se abrem e fecham ao longo das estrofes que vão do elogio ao vitupério. As flores e os animais, em particular os cavalos, recobrem, neste fragmento, sentidos metafóricos inspirados na tradição

mítico-poética, mas que acompanham o crescendo da ode que da imagem da *parthenos* progride para a imagem da *porne*, o que, segundo a A., pode ajudar a compreender o sentido da presença de Afrodite (p.437). Às vítimas de Afrodite e de Eros se dedica o sétimo capítulo, o último deste «Segundo Movimento». Nesta «viagem final pelas ruínas da mélica arcaica» (p. 439), a A. analisa seis fragmentos de quatro dos poetas: Álcman, Alceu, Íbico e Anacreonte. No centro da sua reflexão crítica está a utilização da 1.^a pessoa do singular para «retratar a ação de Afrodite e/ou Eros» (p. 439). Nos dois fragmentos de Álcman (Frs. 58 e 59 (a) Dav.) a A. centra-se na questão que se prende com a relação de Afrodite e Eros, representado com um menino brincalhão mas poderoso, porque divino. Apesar de no dístico do fr. 58 os movimentos de Eros ocorrerem na ausência de Afrodite, o sentido, mesmo que metafórico, da sua associação a Afrodite é intrigante, tendo em conta que esta imagem de Eros como um menino-brincalhão é muito rara nas épocas arcaica e clássica, além de que o seu culto data somente da época helenística. Depois de examinar as interpretações de autores consagrados como Calame, Easterling ou Rosenmeyer, a A. confessa a dificuldade em perceber esta relação/distinção. No Fr. 59 (a) Dav., os problemas de interpretação esbatem-se, na medida em que Eros/Amor atua, em função dos desígnios de Afrodite. Discutidas, são ainda as supostas modalidades de execução destes dois fragmentos. Relativamente às três palavras preservadas no fr. 380 Voigt de Alceu, a dúvida centra-se na pessoa da voz poética: 1.^a pessoa do singular ou do plural? Menos problemática é a relação hierárquica entre Afrodite e Eros, no famoso fr. 287 Dav., de Íbico: é a deusa que domina e eros. O Fr.346 (fr.4) P, de Anacreonte, que tem suscitado muitas dúvidas em termos textuais, pressupõe que a ação de Afrodite se articula com a de Eros em torno das suas vítimas e, «lendo metaforicamente a canção, temos que ela canta mais um episódio de confronto amoroso na arena da sedução em que a *persona* da mélica de Anacreonte é sempre o *erastes*, o amador, a perseguir os objetos

dos seus desejos» (p.517). Um estudo detalhado do fr. 357 P — o “Hino a Dioniso” — encerra este último capítulo. Salientamos apenas que a representação de Afrodite neste fragmento anacreônico alia a figura de Eros ao *modus operandi* divino de subjugarem a vítima que atingem com um desejo erótico irresistível. A maior questão que se coloca prende-se com a «singular junção Afrodite-Dioniso na mélica grega» (p. 551) que a A. examina com cuidado e precisão, mas para concluir que se trata de uma associação com «contornos descontínuos e imprecisos» (p. 550).

A finalizar esta volumosa publicação, surge um «Ensaio de Conclusão» que tem por objetivo apresentar «uma síntese comparativa dos estudos da representação de Afrodite de Álcman a Anacreonte» (p.559). Atendendo ao carácter lacunar e precário do *corpus* analisado (inclusive a mélica de Safo, estudada numa publicação anterior já citada, *Fragmentos de uma deusa: a representação de Afrodite na lírica de Safo*), a A. reconhece a impossibilidade de se considerar concluída esta investigação que intentou — com grande proficiência e rigor, diga-se — um trabalho de (re)composição de canções monódicas e corais da época arcaica grega que testemunham a importância da representação de Afrodite. De registar, porém, que uma obra desta magnitude e tanto cuidado no que diz respeito ao rigor filológico, não apresenta, no final, índices remissivos que seriam, certamente, preciosos instrumentos de trabalho para qualquer leitor, porque contribuiriam para facilitar a tarefa de leitura a uns, e estimular a abertura de novos horizontes, a outros.

Em conclusão, esta obra de Giuliana Ragusa dá provas das qualidades notáveis da investigadora que oferece ao leitor, helenista ou não, uma perspetiva plural e alargada, sistemática e rigorosa, bem fundamentada no estudo das fontes e atualizada de um tema que incentiva a prossecução do estudo da antiga literatura grega. Só é pena que não se vislumbre uma edição portuguesa deste excelente estudo, e que é também exemplar, em termos de investigação, no domínio dos estudos clássicos